

Defesa de Alexei Bueno

Jornal da Poesia, 26 de Janeiro de 1998

Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/feitoalex.html>

acesso em: 15 dez. 2010

Defesa de Alexei Bueno

Soares Feitosa

— H E L E N A —

No cômodo onde Menelau
vivera
Bateram. Nada. Helena estava
morta.
A última aia a entrar fechou
a porta,
Levaram linho, unguento,
âmbar e cera.

Noventa e sete anos. Suas
pernas
Eram dois secos galhos
recurvados.
Seus seios até o umbigo
desdobrados
Cobriam-lhe três hérnias bem
externas..

Na boca sem um dente os lábios
frouxos
Murchavam, ralo pêlo lhe
cobria
O sexo que de perto parecia
Um pergaminho antigo de tons
roxos.

Maquiaram-lhe as pálpebras
vincadas,
Compuseram seus ossos
quebradiços,
Deram-lhe à boca uns rubores
postiços,
Envolveram-na em faixas
perfumadas.

Então chamuscas onívoras
tragaram
A carne que cindiu tantas
vontades.
Quando sua sombra idosa entrou
no Hades
As sombras dos heróis todas
choraram.

Alexei Bueno

Quem escreveu (ou até psicografou, há quem acredite) o poema
acima nos merece todo o respeito. Não o conheço pessoalmente,

não tenho relações de amizade com ele, e, por isto mesmo, mais fácil a mim a análise do poema.

Marcelo Coelho, ensaísta, acaba de escrever uma resenha (*Folha de São Paulo, Caderno Mais!*, 26/1/1998) sobre o último livro desse autor (Alexei Bueno, *Entusiasmo*, *Topbooks*, Rio de Janeiro, 1997) e, na dita resenha, só não chama Alexei de arroz-doce. Do resto chama. E o pior é que Marcelo está coberto de razão.

Marcelo Coelho, talvez sem saber, botou um foco de luz no grande problema da crítica literária: há escolas (alguns dizem máfias). Impossível o poema acima ser gostado e degustado pelos concretistas. Impossível aos concretistas fazerem um poema como o acima que não seja um monte de garranchos magros, puro coiro, um chocalho sem badalo, uma égua Severina, coisa assim, que eu também não saberei.

Em suma, Marcelo Coelho diz: "Seria fácil fazer crítica literária se tivéssemos critérios imediatos de 'certo' e de 'errado'. Se acharmos, com ótimas razões teóricas, aliás, que o certo é ser breve, conciso, rigoroso e lógico, então Alexei Bueno está errado, erradíssimo, é ridículo, é de mau gosto e – para usar o termo – apupá-lo-emos".

Noutro trabalho meu, quando "criticava" um crítico cearense, senhor Rodrigo de Almeida, do jornal *O Povo*, para quem os poetas são os armoriais (os ruins) e os concretistas (os únicos com direito ao Olimpo), disse-lhe que seria muito honesto que o crítico colocasse uma tabuleta em sua oficina de trabalho: "trabalhos nos moldes do concretismo", ou "trabalhos à Augusto dos Anjos", ou "trabalhos à moda Ariano Suassuna" (o "fundador" dos armoriais), etc., etc., de modo que o leitor pudesse saber uma coisa fundamental: qual o cânone pelo qual a obra literária está sendo julgada.

Continua sendo muito perverso exigir dos lobos um laudo do sabor do capim, eis a essência da tragicomédia *Os Três*

Porquinhos, de Walt Disney. Há cânones e cânones, porquinhos e lobos. Já li muito malho em cima d'*O Cânone* Ocidental do Mr. Bloom...

Faz-se literatura, faz-se crítica literária e faz-se moda. É tudo igual. Vestidos longos, cobrindo os joelhos, ah! os joelhos de Mary Lucy *in illo tempore!*... e meus pecados adolescentes, mas isto é outra história. Depois, as saias estão lá em cima, ou nem estão, e tudo isso é muito bonito!

Quando diz que está a julgar o trabalho de Alexei pela "brevidade, concisão, rigor e lógica", Marcelo Coelho está fazendo um voto de isenção: tudo que Alexei fizer fora desses padrões (é bom não esquecer, os padrões são os de Marcelo Coelho, dele, Marcelo), malho e pedra no lombo de Alexei. Nunca vi ninguém apanhar tanto!

O problema é que não sabemos quem legou esse cânone de Marcelo a Marcelo, cabendo indagar, desde já, por que a poesia longa, sem concisão, sem nenhum rigor e sem nenhuma lógica, tudo oposto, não pode ser uma excelente Poesia. Por que motivos a Ode Triunfal ou a *Marítima* não seriam belíssimos poemas, doutor Marcelo? Elas são longas, com todos os defeitos que o senhor aponta. Por que *Cloaca* (nem sei se o autor bebe Coca-cola) seria um poemaço?

Cloaca

beba coca

cola

babe

cola

beba

coca

babe

cola

caco

caco

cola

c l o a c a

Cabeça de cada qual. Sob o cânone dos concretos, a *Cloaca* de Décio é olímpicamente linda. Na ótica dos modernos, Castro Alves, suprema blasfêmia, é lixo. Lixo, eles!

Em suma: variáveis. Variações de foco. Encastelam-se os sabidos e passam a ditar, ditatorialmente, as regras. O moço do Ceará, Rodrigo de Almeida, fechou a literatura universal em duas únicas categorias, os concretos e os armoriais. Onde, os bobalhões, dos poemas longos, e os ungidos, do espremido.

Cada vez mais admiro esse Marcelo. Primeiro, porque Marcelo foi o primeiro crítico que colocou uma tabuleta honesta na porta do estabelecimento: *Aqui, (só os que escrevem) breve, conciso, rigoroso e lógico. Quem não escrever assim, apupá-lo-ei* / Segundo, pela coragem da surra em Alexei. Nunca se bateu tanto num escritor de nomeada. Nem em galinha para largar o choco, com direito a um banho gelado (pros meninos da cidade grande: galinha detesta banho!), depois amarram a bichinha num jirau bem alto (galinha detesta alturas), pois bem, Marcelo deu-lhe e deu-lhe e disse que continuará a apupá-lo. Nada de pessoal, claro.

Tudo em nome de um cânone que está (o próprio Marcelo, um cara honestíssimo, teve a coragem de reconhecer) nos estertores: "E os apupos de hoje serão o aplauso das gerações futuras." Ainda bem que Marcelo Coelho reconhece que o cânone dele está sob sereníssima marcha fúnebre. Crítico e profeta!

Até um dia desses, pegava muito bem falar mal de Castro Alves. Um poeta extraordinário como Murilo Mendes teve o desplante de fazer uma paródia com um dos hinos nacionais do País (os outros são *Asa Branca* e o Hino propriamente dito), *Minha Terra Tem Palmeiras* (escrevo o nome do maranhense

e me levanto da cadeira). Hoje, mangamos dos iconoclastas. E eles mangavam de Castro Alves e de Gonçalves Dias.

Há que perguntar: quando o futuro? Faz tempo e eles não vêem: quem, eis a outra pergunta que responde a primeira, ainda se diz concretista? Perguntem a Ferreira Gullar.

Porque uma coisa é real: a Poesia! ELA – onde enlevo e o sublime! – a Poesia, em maiúsculo, permanecerá independentemente de quais cânones, modas, joelhos, críticos, lobos e porquinhos. Jamais se dirá que o *Livro de Jônão* é um super-poema. Nem o *Alcorão*. Nem os grandes bíblicos. Nem os quilômetros de Pessoa, nem essa suprema glória da lusa língua, um certo navio..., *Uma Tragédia no Mar* ! Nem *Vandalismo*, do paraibano. Poemas!, e morte cruel aos que lhes sejam contra.

Vai em frente, Alexei! Marcelo Coelho te surrou para o bem da Poesia! Os outros, à cloaca. Quando tua sombra idosa entrar no Hades, as sombras dos heróis todas chorarão.